

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE FOLHETOS POLÍTICOS E RELIGIOSOS DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE¹

*Production and circulation of flyers political and religious Rodolfo Coelho
Cavalcante*

*Production et diffusion de prospectus de politique et religieux de Rodolfo
Cavalcante Coelho*

Gilmário Moreira Brito²
Universidade Estadual da Bahia

Resumo: O texto trata da “produção e circulação de folhetos políticos e religiosos em folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante entre as décadas de 1940 a 1950 em Salvador” e busca compreender as relações estabelecidas entre o autor, grupos de políticos e moradores de Salvador, a partir de folhetos recolhidos na Fundação Casa Rui Barbosa e Fundação Cultural da Bahia. Reflete sobre o empenho de Rodolfo em articular impressores e organizar redes de distribuição de folhetos no Estado para dar visibilidade e colocar em circulação a produção poética, tanto como meio de comunicação que transmite informações e notícias para serem lidas, ouvidas e adquiridas, quanto suporte de relações sociais já que busca dar visibilidade às relações políticas, religiosas e culturais que ganham significados no cotidiano de Salvador.

Palavras-Chave: Produção e circulação de folhetos; Rodolfo Coelho Cavalcante; Mídia; Suporte de linguagens.

Production and circulation of flyers political and religious Rodolfo Coelho Cavalcante

Abstract: The text deals with the "production and circulation of political and religious leaflets written by Rodolfo Coelho Cavalcante between the decades of 1940-1950 in Salvador, Bahia, Brazil" and tries to understand and search relations between author, political groups and population of Salvador, from leaflets collected in F C Rui Barbosa and the Cultural Foundation of Bahia. It reflects on Rodolfo's commitment in articulate printers and organize networks of distribution of those leaflets in the state, to give visibility and put in circulation poetic productions, even as a mean of communication that gives information and news to be read, heard and acquired, as a support of social relations that seeks to underline the political, religious and cultural meanings, every day, in the city of Salvador.

Key words: Production and circulation of leaflets; Rodolfo Coelho Cavalcante; Media; Support of languages.

¹ Primeiras reflexões de pesquisa mais ampla “Leituras de Linguagens em folhetos de cordel por alunos letrados ou em processo de letramento da Educação de Jovens e adultos de Salvador”.

²Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(2001). Professor Associado da Universidade Estadual da Bahia.

Production et diffusion de prospectus de politique et religieux de Rodolfo Cavalcante Coelho

Résumé : Le texte traite de la “production et de la circulation de tracts politiques et religieux de Rodolfo Coelho Cavalcante pendant les années 1940-1950 en Salvador, Bahia, Brasil” et cherche à comprendre les rapports établis entre l'auteur, les groupes politiques et les résidents de Salvador, à partir de brochures recueillies par la Fondation Maison Rui Barbosa et la Fondation Culturelle de Bahia. Il reflète l'engagement de Rodolfo dans l'articulation d'imprimeurs et l'organisation des réseaux de distribution de tracts dans l'Etat afin de leur donner visibilité et de mettre en circulation la production poétique, à la fois comme un moyen de communication qui transmet des informations et des nouvelles pour lire, entendre et acquérir, et aussi comme soutien des relations sociales, dans la mesure en que donne la visibilité aux rapports politiques, religieuses et culturelles qui ont des significations dans la vie quotidienne à Salvador.

Mots-clés: production et la circulation de tracts; Rodolfo Coelho Cavalcante, les médias, le soutien de langues.

O propósito deste texto é refletir sobre a produção e circulação de folhetos políticos e religiosos de Rodolfo Coelho Cavalcante entre as décadas de 1940 a 1950 em Salvador, na Bahia. A preocupação em investigar narrativas construídas por Rodolfo acerca das relações políticas, religiosas e culturais, que ganham significados no cotidiano de Salvador emergiu nas discussões do Grupo de Estudos História, Cultura, Educação e Linguagens, GEHCEL, que atua no DEDC, PPGHIS e PPGEduc da Universidade do Estado da Bahia³. Para compreender as relações estabelecidas entre o referido autor de folhetos e grupos de moradores de Salvador - seu público leitor/ouvinte -, observamos as narrativas poéticas a partir da produção, circulação e veiculação dos folhetos, tanto como mídia, quanto suporte de relações sociais. O poeta transforma sua experiência de ler, ouvir, imaginar e perceber em narrativas poéticas que imprime e formata em folhetos como meio de comunicação para transmitir informações e notícias originárias de várias fontes, para serem lidas, ouvidas e adquiridas por outros grupos de consumidores. Mas, os folhetos produzidos exclusivamente para venda e para outros propósitos também se constituem em suporte de relações sociais já que são produzidos para veicular norma, valores, costumes de modos de viver para grupos que assumem diferentes lugares nas relações sociais cotidianas de Salvador.

³O GEHCEL é constituído por mestres, orientandos de mestrado, de Iniciação Científica e voluntários dos Programas de Pós Graduação, História Regional e Local, Educação e Contemporaneidade, e do Departamento de Educação, Campus I, UNEB. Mestrandos Silva, Miguel; Carneiro, Sinara; Anjos, Eva dos Carvalho; Vinagre, Shirley; Pires, Dartilene, Viegas, Barbara e Silva, Márcia Betânia. IC Silva, Caren; Silva, Milena; Santos, Laís e as voluntárias Costa, Regina e Estrela, Juliana.

Os folhetos produzidos e vendidos por Rodolfo para o leitor individual, ou para aquele comprador que não sabe ler, eram, muitas vezes, levados por eles para ser lidos no ambiente e na hora de sua preferência. Assim, no ato de ouvir as narrativas poéticas, através de leituras, recitações e performances que os recitadores faziam para uma audiência coletiva de grupos - com restrito acesso às decodificações do texto escrito -, estavam sendo aí disseminadas pelos declamadores concepções políticas, religiosas, saberes e valores que lhes eram propícios e a partir dos quais esperavam construir visibilidade para seus lugares de na sociedade.

Nesse sentido, compreendemos que as linguagens oral, escrita, gestual e imagética que cruzam nos folhetos são constitutivas tanto dos poetas quanto do público com o qual dialoga. Assim, investigamos os folhetos de cordel como instrumentos através dos quais podemos nos aproximar de experiências e vivências de sujeitos e grupos sociais não letrados, de restrito acesso aos códigos da norma culta e/ou que realizavam leituras de distintas linguagens e se posicionam diante das relações e tensões vividas no cotidiano de Salvador.

Desta forma, pode-se dizer que os encontros do poeta, que vendia seus folhetos em frente ao Elevador Lacerda, em Salvador, com os seus leitores eram tanto sinônimo de entretenimento, emoção e diversão quanto momentos de socialização e discussão sobre as relações e tensões vivenciadas. Observamos que, em muitas ocasiões, a leitura do folheto era um evento que marcava encontro, reunia vizinhos, parentes e amigos, para ouvir a narrativa do leitor escolhido para recitar os versos, que eram geralmente os mais letrados e tinham uma boa entonação.

Ao longo da pesquisa identificamos que Rodolfo Coelho possuía diferentes habilidades poéticas, no domínio da escrita e apropriações do padrão da norma culta. Mas, é importante observar também que a literatura de folhetos, de acordo com (PROENÇA, 1985, p.33)⁴ apresenta na sua poesia de seis, sete ou dez estrofes, setesilábicas, decasilábicas, ritmo e rima que, mesmo grafada e impressa, guarda fortes traços da oralidade (ABREU 1997, p.255)⁵, conservando-os tanto na escrita poética como nas formas da fala. Assim, a leitura dos folhetos suscita tanto ser memorizada quanto a participação do outro que escuta. Essa constatação sobre as inter-relações das linguagens nos folhetos

⁴ Segundo esse autor a rima presta importante serviço à poesia informando certas pronúncias, especialmente aquelas terminadas em *ambe*.

⁵ A esse respeito são importantes pesquisas realizadas por Abreu, Márcia sobre: as relações entre a oralidade e a escrita em folhetos de cordel nordestinos; a literatura de folhetos nordestina como alternativa para a alfabetização e as Histórias de cordéis e folhetos.

instigaram a investigar as possibilidades de leituras de poética e imagética sobre práticas das relações políticas, religiosas e culturais vivenciadas no cotidiano de Salvador através do exame de alguns folhetos de Rodolfo.

Os folhetos trabalhados nesse artigo foram levantados nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa (BRITO, 2009)⁶, Fundação Cultural do Estado da Bahia e Museu Casa do Sertão / UEFS. O trabalho com as fontes possibilitou identificar narrativas cujas temáticas versam em linhas gerais sobre relações políticas, religiosas, amorosas, familiares, condições de vida, estabelecidas no cotidiano de Salvador nas décadas de 1940 e 1950.

Dentre múltiplas abordagens sobre as temáticas relacionadas à ética e a moral da religião católica, Rodolfo foi um dos poucos autores que enfrentou o desafio de poetizar sobre os milagres de santos e práticas religiosas católicas, já que muitos outros poetas interessados por estas manifestações dirigiram suas abordagens mais para os conflitos religiosos. Essa constatação despertou o interesse de indagar por que o poeta decidiu construir imagens sobre milagres devocionais, já que essas manifestações culturais são constituintes do universo extraordinário e admirável da religiosidade brasileira?

Aliás, esse questionamento ganha ainda mais relevância quando observamos nos processos de construção de culturas religiosas, as relações e tensões estabelecidas pelas normas e princípios instituídos através da hierarquia da igreja católica para organizar e manter os fiéis debaixo de seu controle. Assim, o surgimento de práticas religiosas originárias de tradições devocionais cristãs, divulgadas por pregadores leigos, a exemplo de beatos e rezadeiras, que apresentam expressões de uma religiosidade singular, são genericamente denominado por estudiosos de religiosidade popular.

A esse respeito, Brito (2009, p. 22-25) identifica que em algumas avaliações sobre a formação religiosa de origem cristã, estudiosos leigos e clérigos atribuem significados, conceituando o popular como:

Forma de cultura na qual a religião é adotada e vivida... por segmentos mais simples do povo, cujos valores, capazes de responder interrogações da existência humana, podem sintetizar o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto (SCHLESINGER, 1995, p. 2199-2200).

⁶ Trata-se de pequeno acervo que reproduzimos durante a pesquisa dos mais antigos folhetos do Nordeste, organizados e classificados pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Além deste também encontramos folhetos que tratam sobre religiosidade no acervo da Fundação Cultural da Bahia.

Porém, as práticas religiosas adotadas “pelos segmentos mais simples do povo” são julgadas como seitas religiosas deformadas, limitadas e perigosas pela Encíclica da “exortação *‘evangelium in unum’*” que as considera como: forma rudimentar de professar sentimento religioso e estão susceptíveis a deformações, superstições que são “apenas [...] manifestações culturais” que não expressam [...], de acordo Schlesinger (1995, p. 2199-2200), “uma verdadeira adesão de fé [...]” que “pode levar a formação de seitas e por em perigo a verdadeira comunidade eclesial”, segundo os padrões da Igreja Católica.

Esses clérigos vão adiante demarcando através de fragmentos conceituais aquilo que caracterizam de “religiosidade popular”: expressão de “festas e romarias” piedosas dedicadas a “Deus e aos santos”, que através de “encarnação evangélica transmite a fé em Jesus Cristo por meio de ritos e palavras próprias”, atribuindo a Deus “a paternidade, a providência, a presença amorosa constante” e que somente “os pobres”, mediante “generosidades”, “podem experimentar”. Todavia, essas demonstrações religiosas são qualificadas como inferior por não ter conseguido “moldar essa fé católica”, esta “sede de Deus” as “estruturas sociais e econômicas vigentes”⁷.

Tais formulações sobre essa religiosidade cristã, apesar de ser apreendida como “forma de cultura” vivenciada por gente “simples”, capaz de articular dimensões terrenas de experiências vivenciadas aos imaginários de fé através de linguagens, comportamentos e valores próprios são vislumbrados por segmentos letrados como deformadas e ameaçadoras já que não aderiram nem às normas “sociais e econômicas”, nem às formas de organização doutrinal desenvolvida e preconizada pela instituição da Igreja Católica. Para tanto, recomendam submeter essa “religiosidade popular” a uma “pedagogia evangelizadora” para alcançar a “fé verdadeira” através da qual revelará seus “ricos valores”.

É nesse sentido que as abordagens sobre milagres e práticas mágicas originárias de tradições indígenas, africanas, européias disseminadas no País são denominadas, genericamente, de religiosidade popular. Um conceito formulado mais para estabelecer a diferença entre “eles”, aqueles que organizam suas práticas religiosas respaldadas em suas linguagens e expressões culturais próprias e “nós” a instituição religiosa da Igreja Católica que estabeleceu uma hierarquia baseada em princípios e normas assentados em códigos escritos que devem ser cumpridas rigorosamente pelos fiéis.

⁷ Todas as expressões entre aspas foram retiradas do texto “Religiosidade popular” de SCHLESINGER, 1995, p.2199.

Para além dessas tensões, autores de folhetos continuaram organizando várias narrativas poéticas sobre os conflitos ainda que não sejam os mais recorrentes dessa literatura. Assim, resolvemos limitar o universo a aspectos das narrativas políticas e religiosas na produção e circulação em dois folhetos de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante para aprofundar o diálogo. Posto dessa forma, diante desse terreno escorregadio e pouco trabalhado, precisamos nos esforçar para tentar uma leitura “a contrapelo” sobre as temáticas apresentadas por Rodolfo que é considerado um dos mais importantes autores da literatura de folhetos do Brasil.

De acordo com a biógrafa Maria do Rosário Pinto (2010) da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em Rio Largo, Alagoas, em 1917. Posteriormente mudou-se para Maceió e, desde muito jovem, precisou trabalhar para ajudar no sustento da família. Durante sua adolescência viajou por vários estados das regiões Norte e Nordeste trabalhando principalmente de camelô e palhaço de circo. Nesse período já ensaiava os primeiros versos participando de bailes pastoris, cheganças e reisados, apresentando sinais que já estava adentrando em um mundo carregado de sonhos, fantasias e fenômenos lendários e sobrenaturais.

Suas experiências anteriores como camelô e palhaço parecem ter contribuído para desenvolver habilidades com a poesia, as trovas e as vendas. Ciente dessa conquista, em suas andanças pelo Piauí ainda segundo Maria do Rosário, comprou folhetos de autoria de João Martins de Athayde para revender, dando início a sua vida de vendedor de folhetos. Posteriormente, em 1945 fixou residência em Salvador, se articulou com impressores de pequenas gráficas e deu início a publicação de seus folhetos, “Os clamores dos incêndios em Teresina; o ABC de Otávio Mangabeira, em 1949; ABC da Praça Cayrú, [19--]; ABC de Getúlio Vargas, [19--]” e, de acordo a referida biógrafa, seu primeiro grande sucesso de vendas foi “A volta de Getúlio”, de 1950.

Assim, observamos que duas temáticas: política e religião, estiveram muito presentes nos anos iniciais da carreira de Rodolfo como poeta e impressor de folhetos. É possível que essa escolha não seja por acaso, já que no período de transição entre as décadas de 1940 e 1950 os líderes políticos do país e do estado perceberam que além de garantir apoio político de cabos eleitorais e coronéis para manutenção do poder, era necessário encontrar outras mídias através das quais pudessem se aproximar tanto de grupos do interior do estado como dos novos grupos que emergiam com o crescimento urbano.

A esse respeito são interessantes as considerações de Ana Paula Ribeiro, para quem as relações do jornalismo com a política na década de 1940 eram estreitas e, nesse período, os diários se tornaram instrumento essencialmente políticos. No caso específico de Salvador, Rodolfo Cavalcante, que já produzia semanalmente vários folhetos e conseguiu estabelecer boas relações com alguns gráficos da cidade, tinha acesso a uma pequena estrutura editorial, em lugar privilegiado da cidade, da qual dispunha sempre que necessário. É nesse contexto que se aproxima de Otávio Mangabeira, um político em ascensão.

No cenário político da Bahia dentre os grupos oligárquicos que assumiram o comando do estado é importante salientar que Otávio Mangabeira era o principal aliado de José Joaquim Seabra. Mangabeira iniciou sua carreira como vereador do PRB, em 1908, no ano seguinte se vinculou ao PRD criado para organizar oposição a Luís Viana.

A trajetória política de Otávio Mangabeira é coroada com sua eleição a governador da Bahia pela UDN em 1947, imediatamente após a redemocratização do país. Em seguida, observa-se a ascensão política do grupo liderado por Antônio Balbino que, apoiado por Mangabeira, venceu as eleições ao governo do estado em 1954 compondo uma frente ampla de oposição a Juracy Magalhães. Porém, no pleito seguinte, em 1959, Juracy foi conduzido ao governo do estado pela legenda da União Democrática Nacional (UDN), partido que ele criou na Bahia. (CARVALHO, 2005, p. 110-111)

É importante ressaltar que se na história política da Bahia, no jogo pelo poder, as elites agrárias organizaram uma cultura política cujo poder estava sob o controle oligárquico através das alianças estabelecidas com os coronéis que mantinham o controle eleitoral através do “voto de cabresto”, essas relações começam mudar a partir da década de 1950.

O processo de industrialização e a implantação da Refinaria Landolfo Alves, em Mataripe, possibilitaram tanto o aparecimento de pequena burguesia local quanto a imigração de grupos sociais do interior do estado e do país atraídos pelo crescimento de Salvador e da Região Metropolitana. Apesar de o jogo político não apresentar modificações essenciais no controle das tradicionais oligarquias observa-se o surgimento de uma cultura política que vai, lentamente, apresentando modificações nas décadas posteriores. (MATTA, 1998)

Nesse sentido, é importante considerar que entre o final da década de 1940 e 1950 os governadores baianos foram eleitos através de coligação que uniam adversários políticos:

Otávio Mangabeira foi eleito pela UDN com apoio do PSD criado pelos interventores de Vargas, apoiou a campanha de Régis Pacheco para o pleito de 1951 a 1955, que se tornou governador pelo PSD com apoio do PTB derrotando Juracy Magalhães da UDN. Nas eleições seguintes, a coligação formada por dissidência do PSD, PTB e UDN elegeu o governador Antônio Balbino, (1955-1959) e Juracy Magalhães que chefiou o executivo baiano de 1959 a 1963. Em síntese, nesse período, as três maiores legendas da Bahia não conseguiram, isoladamente, garantir hegemonia capaz de eleger os candidatos.

Evidências sugerem que Rodolfo está atento à conjuntura política da Bahia e do país quando publica folheto dedicado a Otávio Mangabeira reconhecendo-o como importante aliado das reivindicações de poetas, cantadores e folheteiros, porque se posiciona a favor da comercialização dos produtos dos referidos artistas em logradouros públicos, anulando a lei municipal que proibia a venda; constrói na Bahia, em 1955, o Iº Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros enfatizando a importância da profissionalização de sujeitos envolvidos na produção e circulação da literatura de folhetos; participa da fundação da Associação de Imprensa Periódica da Bahia e produz os periódicos, “A Voz do Trovador,” “O Trovador” e “Brasil Poético”(PROENÇA, 1986, p.580-581)⁸ destinados a discutir temáticas relacionadas ao contexto baiano e nacional além de problemas relativos ao ofício poético.

Assim, observamos que Rodolfo está interessando em reunir duas mídias impressas, os folhetos de cordel e os jornais periódicos de grande importância para informar, noticiar e sondar o público, já que se destinam a grupos sociais cujas capacidade de consumo, habilidades de leitura e recepção são bastante diferenciadas. Ao buscar ampliar o público leitor de seus folhetos, torna-se referência organizativa para sua categoria profissional e ganha visibilidade política como articulador de suportes de leituras, relações sociais e veiculação de concepções políticas que atingem diferentes grupos situados em distintos tempos e territórios da Bahia.

Todavia, importa considerar que essa atitude de Rodolfo não é corriqueira entre os folheteiros. Segundo (QUINTELA, 2003) apesar desse exercício político de poetas e violeiros que se reuniram em Salvador para discutir a profissionalização ser uma atitude localizada, essa ação constituiu importante manifestação política, recebeu apoio de

⁸ A esse respeito são interessantes as observações de PROENÇA, Manuel Cavalcante (org.) (1986). Literatura popular em verso: antologia. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1986. pp. 580-581.

intelectuais e serviu para colocar na ordem do dia “o problema dos direitos autorais”. (DIEGUES JR, et all, 1985, p.19-25)⁹

Nesse sentido, ao provocar seus colegas, detonou um processo de mobilização de poetas baianos e de outros estados dos quais se tornou liderança depois da realização do primeiro “Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros”. A partir desse prestigiado evento, organizou o “Grêmio Brasileiro de Trovadores”, com sede em Salvador, contribuindo, de forma decisiva, para estimular a produção e circulação da poesia popular em uma conjuntura na qual outra mídia, a radiofonia, começava a se expandir e atingir ouvintes que, sem saber decodificar os códigos escritos da poesia, se aglutinavam em torno do rádio para escutar notícias, mensagens e entreterimentos que soavam muito bem às audições.

Nesse processo Rodolfo passou a ser chamado pelos amigos e colegas de profissão de o “Trovador Popular Brasileiro” conforme indicações do dicionário bio-bibliográfico (ALMEIDA e SOBRINHO, 1978, p. 109). Biógrafos e pesquisadores que se dedicaram a estudar sua obra identificam seu empenho em tratar vários aspectos da religiosidade de grupos sociais do Nordeste. Edilene Matos considera que, “a religião é assunto muito sério nos folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante”, em seus enfoques temáticos observamos uma tendência de privilegiar as narrativas sobre enfrentamentos na relação homem/Deus através de manifestações de culpas, pecados, milagres e aspectos de práticas religiosas protestantes, espíritas, católicas, afro-brasileiras entre outras, além das metamorfoses de homens e mulheres em animais.

A esse respeito vale a pena atentar para as considerações de Edilene,

A moça que bateu na mãe e virou cachorra, recorde de vendagem dos mais de 2000 títulos de sua autoria, com 445.000 exemplares circulados em vinte e oito edições, a partir de 1952, aborda o aspecto da punição, o que acontece por motivo de uma zombaria de uma moça que, na sexta-feira da Paixão (...) revoltou-se contra a genitora. (MATOS, 1886, p. 46).

Nesse recorte, além do foco sobre aspectos da moral religiosa, essa autora apresenta informações valiosas para compreender o esforço do autor em articular com a família a produção dos folhetos, na maioria, de oito páginas, capas estampadas com xilogravuras ou clichês, confeccionados artesanalmente, com a ajuda dos filhos e apenas com impressão

⁹ Segundo Diegues Junior, os problemas relacionados aos direitos autorais fazem parte da história da Literatura de folhetos desde 1909 quando Leandro Gomes de Barros imprimia em alguns de seus folhetos informações sobre sua autoria buscando evitar apropriação indébita de seus folhetos.

feita em tipografias. A produção de exemplares publicados em Salvador, Jequié e, eventualmente, na editora Prelúdio¹⁰ de São Paulo, contribuiu para a formação de uma obra poética gigantesca com “mais de 2000 títulos” e organização de outros procedimentos para veicular, segundo a biógrafa (PINTO, 2010), através da vasta rede de agentes distribuidores em todo Nordeste um processo de circulação de seus folhetos.

A respeito do processo de divulgação e distribuição de seus folhetos é interessante notar que Cavalcante além de se preocupar em manter diálogos com seu público através de narrativas poéticas, versando sobre temáticas que se referenciavam em dimensões culturais de vários grupos sociais do Nordeste, transformava a última capa, para fazer propaganda de sua obra. Assim, utilizava uma parte de grande visibilidade do folheto impresso para anunciar tanto aos distribuidores e vendedores ambulantes quanto a seu público leitor, possíveis consumidores de seus contos, como organizava as edições, produzia em quantidade para manter estoques e vender a preços competitivos exemplares de sua obra, anunciando que,

[...] acaba de editar um formidável estoque de seus folhetos e romances, vendendo por esse motivo, por preços jamais equivalentes aos seus competidores, ou seja, sortidos: preço de centro 20 cruzeiros e por milheiro 150 cruzeiros. (CAVALCANTE, 1950)

Seu argumento demonstra que estava interessado em ampliar o mercado de consumo para ampliar seu público leitor. Mais que isso, coloca-se à disposição para expandir a distribuição e a revenda de seus trabalhos para todo território nacional, divulgando que aceita “agentes em qualquer parte do País, com direitos exclusivos para revender em qualquer praça!”. Sua estratégia para atrair compradores do país inteiro é sugerir que concede o posto de exclusividade para quem revender os folhetos de sua autoria na praça de origem do distribuidor ou como “agente” em qualquer outra que desejar. Esse procedimento é recorrente, inclusive, aos poetas/autores / folheteiros que, na maioria das vezes, vai a uma feira em determinado distrito ou município e, em seguida, costumam percorrer todas as praças circunvizinhas.

Nesse sentido, quando Cavalcante realiza pedidos por “correspondência”, para a Rua Alfredo de Brito, nº 20, 1º andar, Salvador, Bahia um endereço no centro da cidade, próximo ao Pelourinho e à rua Chile que constituem, no final da década de 1940, espaços

¹⁰ Nessa editora foram publicados os folhetos de ABC: dos namorados, do Amor, do Beijo e da Dança e A Chegada de Lampião no Céu, ambos em 1959.
Disponível em: http://www.casarui Barbosa.gov.br/template_01/default.asp?VID_Secao=320

de sociabilidade de grupos de grande visibilidade econômica e política da sociedade soteropolitana e baiana aponta caminhos inusitados para um poeta de folhetos instalar uma distribuidora em local de grande fluxo comercial e utilizar um mecanismo de comercialização inovador para vender folhetos naquele contexto histórico enviando a remessa através dos “Correios e Telégrafos”. E não pára apenas na remessa pelos correios, vai adiante quando se coloca disponível para atender o “despacho urgente” e flexibilidade para negociar, porém, antecipa também suas condições: “negócios a vista!”, cujo sinal de exclamação, parece indicar que todas as facilidades e vantagens propostas apresentam uma condição indispensável: pagamento à vista.

AOS SNRS. REVENDEDORES!
Rodolfo Coelho Cavalcante a-
viza, que acaba de editar
um formidável estoque de
seus folhetos e romances, venden-
do por este motivo, por preços
jamais equivalentes aos seus com-
petidores, como seja: .SORTI-
DOS:
Preço para cento Cr. \$ 20,00
Para milheiro 150,00
Aceitando agentes em qualquer
parte do País, com direitos exclu-
sivos para revender em qualquer
praça!
Negocios a vista! Despacho ur-
gente! Aceita-se pedidos por cor-
respondencia, para: Rodolfo Co-
elho Cavalcante — Rua Alfredo
Brito n.º 20 — 1.º andar — Salvador — Bahia.

Avisos Importantes:
TROVADOR ALAGOANO

Rodolfo C. Cavalcante
(Autor deste folheto)

AOS SRS. AMIGOS E LEITORES!
NAO DEIXEM DE LER:
Amor e Falsidade (Romance), A Discussão do Ar-
tista com o Médico, O Boi de 7 Chifres, O que vai ac-
teter até 1950, A verdadeira Profecia do Padre Cíc-
ero, A Desventurada, Mulher sem Alma, O Fim
do Mundo, O encontro de Rodolfo Coelho com Ricar-
do Lopes, A Discussão de Cavalcante com Canario,
Filha Maldita, Paixão de Cristo, A Vida do Sertanejo,
O Pae de Santo, e muitos outros livros.
FAÇAM JA' OS PEDIDOS!

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *O milagre de Santo Antonio*, Salvador, s/e, 1950.

Evidências impressas em seus folhetos apontam ainda que, conforme mencionamos acima, Rodolfo também estava interessado em manter diálogos com sujeitos mais próximos de “amigos e leitores” aos quais recomenda que “não deixem de ler”, o romance e os folhetos que se encontram editados e disponíveis para a venda, “Amor e falsidade”, “A discussão do Artista com o Médico”, “O boi de 7 chifres”, “O que vai acontecer até 1950”, “A verdadeira Profecia do Padre Cícero”, “A Desventurada”, “O

encontro de Rodolfo Coelho com Ricardo Lopes”, “A discussão de Cavalcante com Canário”, “Filha Maldita”, “Paixão de Cristo”, “A Vida do Sertanejo”, “O Pae de Santo, e muitos outros livros” e, finalmente, recomenda “façam já seus pedidos”.

Apresentamos esse recorte acima com imagem da última capa do folheto “O milagre de Santo Antonio” apenas para situar os interesses, inquietações e provocações que esse autor faz a respeito da produção, circulação, distribuição e discussão com diversos atores sociais, como se pode depreender pelos títulos das temáticas dos folhetos acima apresentadas. Porém, uma análise mais aprofundada desses diálogos com esse público escapa as pretensões desse texto nesse momento.

Mas, voltando à visualidade da última capa é notável como Rodolfo utiliza sua própria imagem, uma fotografia 5X7 cm, na qual aparece de perfil, usando terno e gravata claros possivelmente de linho branco, cabelo bem penteado e brilhante, óculos e um bigode fino e ralo que lhe confere uma aparência ainda mais jovem. Mas, tão importante quanto à referida imagem são as legendas que aparecem na parte superior e inferior da referida fotografia, “Avisos Importantes”: na sequência em caixa alta, “TROVADOR ALAGOANO” e embaixo, “Rodolfo C. Cavalcante, entre parêntese, (autor desse folheto)”. Essa performance imagética seguida dos avisos indica mais do que uma confirmação da assinatura, um carimbo da propriedade intelectual do texto poético.

E importante ressaltar que, apesar de versar sobre várias temáticas, Rodolfo estabeleceu um vínculo mais forte com o da religião que está relacionada a uma forte tradição familiar e antecede sua poética. A esse respeito, o estudioso da obra de Cavalcante, Eno Teodoro Wanke sugere que a amplitude da religiosidade católica deve ser considerada porque “nascido e criado em ambiente católico”, o poeta seguia essa religião “com entusiasmo e dedicação”, em Maceió, quando era criança corria atrás de padres para ganhar santinhos e “beijar-lhes” as mãos e “rezava o Ofício de Nossa Senhora todos os sábados,[...] “ia à missa todos os domingos”, além disso, mesmo depois das suas andanças pelo “mundo, não saía de uma cidade sem se confessar e comungar” e para consagrar esse fervor religioso, “casou-se arraigado no catolicismo”. (WANKE 1983, p.73) Apesar dessa ligação, vivenciou outras religiões, o protestantismo e, principalmente, o espiritismo com o qual estabeleceu uma relação estreita assumindo pregações e expandindo os espaços de reunião fundando centos espíritas.

Essas considerações sobre Rodolfo são importantes porque indicam os sentidos da moral religiosa que estão presentes em seus folhetos. De acordo Ibiraci de Alencar Chagas,

essa postura era tão radical que é possível encontrar em seus folhetos críticas ao consumo de bebidas, ao ateísmo, ao ciúme e até eventos que julgava como infração aos costumes e desrespeito às normas de boa conduta. Segundo Chagas, Rodolfo se envolveu em campanhas para “combater os folhetos ditos licenciosos” ou “imorais”, isto é, de “orientação pornográfica”; seu envolvimento era tão forte que chegou a fazer uma queima pública, em frente à sua casa, de milhares de exemplares deste tipo de folheto, apreendidos pelo próprio autor (CHAGAS, 2005).

Essa concepção de uma moral religiosa arraigada aparece em vários trabalhos do final da década de 1940. O folheto “O milagre de Santa Teresinha”, editado em 1948, conforme indica a capa, foi concebido como peça teatral antes de ser publicado em formato de folheto. Essa interconexão entre os formatos, cênico, poético e impresso como texto é instigante porque indica à possibilidade produção, veiculação e recepção das narrativas através de múltiplas linguagens, no caso específico: as rimas, a sonoridade dos versos e as performances que são utilizadas tanto para apresentar contos e vender folhetos através de declamações públicas, como para realizar uma encenação teatral.

O recurso à utilização dessas linguagens mostra a recorrência do autor às experiências anteriores que, passando anos da juventude no circo, participou de uma escola de vida, que, possivelmente, o tenha inspirado a escrever dramas sobre assuntos relacionados às tensões da vida cotidiana de grupos sociais diante dos rígidos princípios religiosos católicos. Para dar ênfase à sua narrativa, realizava apresentações no formato de espetáculos dramáticos em várias seções, para atrair o público de localidades do interior do Nordeste. Mais que isso, demonstra o comprometimento do autor em procurar várias possibilidades de divulgar informações, princípios e moral religiosos através de textos – em prosa e versos -, performances, imagens sagradas buscando contribuir para a formação de sentimentos e culturas religiosas vinculadas a tradições católicas do Nordeste.

Referências

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. Histórias de Leitura.
- ABREU, Márcia. Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos. *ELO – Estudos de literatura Oral*, nº 3, 1997. Centro de Estudos de Algarve. Campus de Gambador, Faro: Portugal.
- ABREU, Márcia. Literatura de Folhetos Nordestina: Uma alternativa para a alfabetização. In: *Anais do I Congresso Luso – Brasileira*, Lisboa, 23 a 26/10/1996.
- ALMEIDA, Átila A. F., SOBRINHO, José A. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. João Pessoa: Editora Universitária/ Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia, 1978.
- BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste*. São Paulo: Annablume, 2009.
- CARVALHO, Patrícia Carneiro S. Moreira de. *Juracy Magalhães e a construção do Juracisismo: um perfil da política baiana*. 2005. Dissertação de Mestrado - UFBA, Salvador, 2005.
- CHAGAS, Ibiraci de Alencar. *Cantares da fé: religiosidade e moral na literatura de folhetos*. Monografia de especialização apresentada ao Programa de Pós – Graduação em História Social da Bahia. Feira de Santana: UEFS / PPGHSB, 2005.
- DIEGUES JUNIOR et all. *A Literatura popular, em verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, pp. 19-25.
- MATOS, Edilene. *O imaginário na literatura de cordel*. Salvador: EDUFBA / Edições Macunaíma, 1986.
- MATTA, Alfredo. *Concepções e ferramentas para ascensão da burguesia na Bahia. Contra Ponto*. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 1998.
- PINTO, Maria do Rosário. *Biografia de Rodolfo Coelho Cavalcante*. Rio de Janeiro: FCRB, 2010. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01/default.asp=320>
- PROENÇA, Manoel C. *Literatura popular em verso (literatura)*. Rio de Janeiro: F.C.R.B, 1985.
- PROENÇA, Manuel Cavalcante. *Literatura popular em verso: antologia*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1986. pp. 580-581.
- QUINTELA, Vilma Mota. Notas sobre um autor: anotações para um esboço biográfico. *Inventário*, Revista dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA / PPGLL. Salvador: EDUFBA, 2003.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. Rio de Janeiro: Revista Estudos históricos, nº 31, 2003. PP 147 a 160.

SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. Tomo II, pp. 2199/2200.

WANKE, Eno Teodoro. *Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1983. p. 73.